

Verticalização expulsa produtores da citricultura

**Duas histórias, um final:
a expulsão da citricultura.**

O Informativo Associtrus começa 2012 com lamentáveis relatos de citricultores que se viram obrigados a abandonar a atividade por conta do processo de verticalização encabeçado pelas processadoras de suco desde o início da década de 1990. Filhos e netos de citricultores, Valdecir Vasconcelos, 40, e Marcel Mendonça Corrêa, falam das decepções com a indústria de suco e da necessidade de substituírem seus pomares por cana-de-açúcar para conseguirem manter o patrimônio: a terra. **(Pág. 3)**



Substituição - Canaviais ocupam áreas que, antes, davam lugar à laranja

“Facilite a nossa comunicação”

Em caso de alteração de endereço para correspondência, e-mail ou telefones entre em contato com nossa sede através dos números (17)3343-5180 ou (17)9171-5480, ou encaminhe as alterações para o associtrus@associtrus.com.br
Agradecemos, antecipadamente!

Forças desiguais

O entrevistado da 40ª edição do Informativo Associtrus é o engenheiro agrônomo e presidente do Sindicato Rural de Ibitinga e Tabatinga, Frauzo Ruiz Sanches. Para ele, a concentração da indústria torna a relação comercial desfavorável aos produtores e a verticalização reduz ainda mais o poder de barganha dos citricultores. **(Págs. 8 e 9)**

EDITAL DE CONVOCAÇÃO

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CITRICULTORES - ASSOCITRUS
CNPJ nº. 48.029.375/0001-00

CONVOCAÇÃO ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA

O Presidente da ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CITRICULTORES – ASSOCITRUS, no uso das atribuições que confere o artigo 21º e o item “b” do Artigo 55º do Estatuto Social, convoca os senhores associados para se reunirem em Assembléia Geral Ordinária, a ser realizada no dia **20 de Março de 2012**, na sede da entidade, na Rua Coronel Conrado Caldeira nº 391, Centro, nesta cidade de Bebedouro (SP), em primeira e única convocação **às 9:00 horas**, com a presença de no mínimo 10 (dez) sócios para deliberarem sobre a seguinte ordem do dia:

1. Apresentação do Relatório da Diretoria Executiva;
2. Apreciação da prestação de contas e Balanço Geral encerrado em **31/12/2011**;
3. Apreciação da previsão orçamentária para o exercício em curso;
4. Alterar as cotas de contribuição de sócios efetivos e o critério para sua distribuição;
5. Outros assuntos de interesse da associação.

Bebedouro (SP), 01 de Fevereiro de 2012.

FLÁVIO DE CARVALHO PINTO VIEGAS
-Presidente-

Contribua com a Associtrus

Em função de despesas extras ocasionadas pelo andamento das negociações que envolvem o Consecitrus, a Associtrus espera contar com sua contribuição voluntária através de depósito em conta e sem a necessidade de identificação.

Colabore com a única associação que realmente está atenta e luta pelos direitos dos pequenos e médios produtores, que são os verdadeiros combustíveis da citricultura brasileira. Faça seu depósito na Agência 3188 (Credicitrus) / Banco: 756 / conta: 12845-7.

Contamos com você!

Fusão - A tímida decisão do Cade. (Pág. 4)

Demissões - Citrovita fecha fábrica de Matão. (Pág. 5)

Morcedo - Laranja cede espaço para a cana. (Pág. 6)

A verticalização da produção citrícola.



Por
Flávio Viegas

As indústrias de processamento de laranjas vêm, desde 1977, sendo denunciadas por práticas anti-concorrenciais. Em 1994, nova denúncia é apresentada, acrescentando à prática de cartel a verticalização da produção. A SDE acatou as denúncias e encaminhou ao CADE parecer favorável à condenação das empresas, porém as autoridades optaram pela assinatura de um acordo que nunca foi cumprido.

Desde então, a verticalização e a concentração da produção de laranjas vêm crescendo e provocando profundas transformações no nosso setor. Hoje, segundo levantamentos do IEA/CONAB, 65% da safra 2011/12 provém de 1% dos pomares e 47% das plantas que compõem o cinturão citrícola de São Paulo estão concentradas em 120 propriedades, quase

todas pertencentes às três processadoras.

Essa brutal concentração implica na mudança do modelo de produção da citricultura, que era uma atividade de pequenos e médios produtores residentes nos municípios citrícolas, cerca de 300 em São Paulo, e que com a renda da atividade dinamizavam a sua economia. O novo modelo de produção é caracterizado por grandes pomares das indústrias, que não têm nenhuma relação com o município onde se localizam e que hoje se limitam a abrigar durante a safra os colhedores trazidos de outras regiões e arcar com os ônus do impacto social causado pelas demandas desses trabalhadores temporários.

O resultado desse modelo é o empobrecimento dos municípios que se destacavam pela criação e distribuição de renda e empregos e pelos altos índices sociais e de desenvolvimento.

Cerca de 350 mil ha de laranja foram erradicados, 170 mil empregos destruídos, 20 mil citricultores expulsos do setor, muitos dos quais perderam e outros estão em vias de perder suas propriedades.

O processo de verticalização promove uma enorme barreira de entrada para eventuais concorrentes e propicia um enorme poder de mercado à indústria, que, com cerca de 50% das necessidades asseguradas pelos pomares próprios, pode retardar as compras e as colheitas colocando o produtor

numa situação de total submissão aos seus interesses. Mesmo o mercado interno, que muitos teóricos julgam competir com a indústria, é na verdade uma reserva estratégica da própria indústria, pois ela pode a qualquer momento retirar ou colocar enormes

volumes de frutas de acordo com seu interesse. Na verdade os agentes do mercado interno dependem das processadoras para absorver a fruta que não é consumida e também adquirem frutas por elas produzidas. Desta forma as indústrias, com seus enormes pomares próprios, controlam todo o mercado de laranja do país. Graças ao poder de mercado e à capacidade de provocar uma enorme instabilidade nos preços, apropriam-se das margens dos produtores, o que vem ocorrendo desde o início da década de 90, provocando uma enorme transferência de patrimônio dos produtores para a indústria.

Além do patrimônio tomado dos citricultores, os pomares próprios, ao que tudo indica, estão sendo financiados pelos lucros acumulados no exterior, decorrentes das diferenças entre o preço de registro de exportação e o preço de venda do produto no exterior.

A verticalização foi intensificada no início da década de 90, quando a produção dos produtores independentes era crescente e a cana não era uma cultura concorrente para a citricultura. À medida que a indústria ampliava seu plantio, reduzia a remuneração dos citricultores e, a partir de meados da década de 90, iniciou-se a substituição da produção dos pequenos e médios produtores pelos pomares da indústria.

Os pomares próprios impõem outros custos aos produtores, como os que ficaram evidentes nesta safra. A indústria, ao privilegiar o recebimento da própria fruta, o faz limitando e reduzindo as ordens de colheita dos produtores independentes, o que reduz a produtividade e o rendimento dos colhedores e transportadores e aumenta o seu poder de competir pelas melhores equipes e propicia menores custos de colheita e frete. Menor ritmo de colheita implica em maiores perdas de fruta, maiores dificuldades em realizar os tratamentos culturais e perda de peso da fruta nas filas de espera. Manutenção do fruto na árvore por mais tempo também resulta em perda de produtividade na safra seguinte.

Não há nenhuma comprovação de que a escala e os níveis de produtividade determinem os ganhos econômicos que as indústrias vêm propalando e o Brasil não enfrenta nenhuma concorrência no mercado mundial de suco de laranja.

A verticalização é, ao lado da cartelização, a causa dos problemas enfrentados pelos citricultores independentes e é preciso que esse processo seja revertido com a máxima urgência.

Não deixe de participar! Associe-se

Solicite sua ficha de cadastro de sócio na sede da Associtrus, na Rua Cel. Conrado Caldeira, 391, Centro, CEP: 14.701-000 - Bebedouro-SP ou através do email associtrus@associtrus.com.br

A contribuição quadrimestral é obtida multiplicando-se a estimativa de caixas a serem colhidas por US\$ 0,01 (um centavo de dólar). O valor resultante pode ser pago em três parcelas.

IMPORTANTE!

Identifique e confirme a sua contribuição.

EXPEDIENTE

Publicação bimestral da Associtrus

(Associação Brasileira de Citricultores)

Conselho Editorial: Diretoria

Produção, edição e fotos: Iha Comunicação

Tiragem: 6.000 exemplares

Divisão de jornalismo: Eduardo Iha e Carolina Iha

Diagramação: Juliana Iha

Associtrus - Associação Brasileira de Citricultores

Rua Cel. Conrado Caldeira, 391, Centro, CEP: 14.701-000 - Bebedouro - SP

Fone: (17) 3343-5180 Cel: (17) 9171-5480 - E-mail: associtrus@associtrus.com.br

Home Page: www.associtrus.com.br

DIRETORIA

Flávio Pinto Viegas, Douglas Eric Kowarick,
Carlos Alberto Boteon e Charles Teixeira.

Para anunciar ligue (17) 3343-5180

MÉDICO OU DENTISTA:
quer tarifa zero e juros menores
em suas operações financeiras?
Faça uma consulta
com nossa equipe.

SICOOB CREDITRUS
Cooperativa de Crédito

www.sicoobcreditrus.com.br

“Fomos expulsos da citricultura”

Citricultores da região de Itápolis e Ibitinga falam das dificuldades impostas pela verticalização e que os obrigaram a abandonar a atividade.

As histórias de Valdecir Aparecido Vasconcelos, 40, produtor rural em Itápolis e Marcel Mendonça Corrêa, 31, produtor em Tabatinga, são retratos fiéis do resultado do processo de verticalização iniciado pelas indústrias na década de 1990. Herdeiros de propriedades produtoras de citros, os dois se viram obrigados a abandonar a atividade e substituir os pomares por cana-de-açúcar em função dos baixos preços pagos pela caixa de laranja, da imposição da colheita por parte das indústrias e do aumento do valor do frete impulsionado pelo tempo de espera nas filas para descarregar a fruta na porta das fábricas.

Há trinta anos na citricultura, Valdecir erradicará seus últimos pomares este ano. “Dos cinco mil pés de laranja restaram 2 mil que, este ano ou no máximo em 2013, serão substituídos pela cana-de-açúcar que é uma cultura que garante rentabilidade e não dá dor de cabeça. Ao arrendar a área para a usina, eles me pagam uma renda mensal livre, independente do preço do açúcar e/ou do álcool, do clima, enfim, temos uma remuneração mensal garantida”, diz Valdecir. Para ele, os preços praticados pela indústria de suco e o fato da colheita e do frete ficarem por conta do produtor foram fatores decisivos na opção de trocar a laranja pela cana. “A partir do momento que a colheita passou a ser de responsabilidade do produtor, a laranja já começou a ficar inviável para os pequenos, considerando o alto custo e as exigências trabalhistas, cada vez maiores. Já fiquei com um caminhão parado na fila da indústria por 48 horas. Você imagina o quanto isto custa? Estas coisas vão desanimando a gente”, diz Valdecir.

A política do preço mínimo não trouxe o alívio necessário para o setor. “Esta política só serviu para melhorar ainda mais as coisas para a indústria, que pagou este valor de R\$ 10,00 estabelecido pelo governo como preço máximo. Além disso, o governo ainda injetou R\$ 300 milhões no caixa das indústrias que são bilionárias em detrimento de subsídios para o produtor”. Para 2012, Valdecir não mantém grandes esperanças. “Estou muito apreensivo, afinal ainda tenho 2 mil pés com laranja e estou sem contrato. Precisei diminuir os tratos culturais da lavoura pra não correr o risco de quebrar no final”, diz Valdecir.

Há quinze anos da citricultura, o produtor Marcel Mendonça Corrêa precisou se despedir da atividade - mantida por quarenta anos pela família - e erradicar seus 50 mil pés de laranja, na região de Tabatinga. “Forçadamente tivemos que abandonar a citricultura por conta da inviabilidade provocada pelos preços pagos pelas indústrias, pelos altos investimentos no controle de pragas e doenças, pelos custos de colheita e frete, enfim, chegou uma hora que não deu mais”, diz Marcel.

A área de laranja foi arrendada para a usina. “A cana-de-açúcar não tem tanta despesa e você tem o respaldo da usina que colhe e transporta a cana pra você. O desconto é pequeno considerando a prestação de serviço da usina e o valor recebido permite investimentos para a próxima safra. Você consegue trabalhar com mais segurança. Na citricultura, você trabalha o ano inteiro e nunca sabe se vai conseguir vender toda a safra e quanto vai receber por



Marcel Corrêa: “forçadamente tivemos que abandonar a citricultura”.

ela. O preço mínimo para viabilizar a atividade deveria girar em torno de R\$ 15,00 a caixa, considerando os custos de produção. Com os preços atuais, o citricultor é obrigado a fazer financiamentos em bancos e quando se dá conta é obrigado a deixar a atividade para não perder seu único patrimônio, a terra. Aqui na minha região acredito que cerca de 30% dos produtores se viram obrigados a deixar a laranja”.

Os reflexos da substituição da laranja pela cana já são percebidos nos municípios. “A mão-de-obra da colheita está parada nas cidades, sem emprego. A laranja distribui renda, afinal não há máquinas para colher a fruta. Já a cana-de-açúcar, está praticamente toda mecanizada, ou seja, os municípios estão empobrecendo consideravelmente”, finaliza Marcel.



Valdecir Vasconcelos: “ainda tenho 2 mil pés com laranja e estou apreensivo. Sem contrato, precisei diminuir os tratos na lavoura para não correr o risco de quebrar”.



Verticalização: a tímida e insuficiente decisão do CADE

Hildo Meirelles de Souza Filho, prof. do Departamento de Engenharia de Produção da UFSCar, hildo@dep.ufscar.br.

Lamentavelmente, o Conselho Administrativo de Defesa Econômica (CADE) aprovou o processo de fusão entre a Citrosuco e a Citrovita. Três empresas passarão a deter mais de 80% da compra de laranja in natura proveniente do Cinturão Citrícola do país (Estados de São Paulo e Triângulo Mineiro). No texto do voto do relator há um claro reconhecimento de que a integração vertical para trás (pomares próprios de laranjas) da Citrovita e Citrosuco é muito grande, respondendo por 40% do total produzido. Felizmente, o voto não acatou a recomendação de aprovação "sem restrições", que foi dada tanto pela Secretaria de Acompanhamento Econômico do Ministério da Fazenda quanto pela Secretaria de Direito Econômico do Ministério da Justiça. Argumentação apresentada formalmente pela Associtrus de que a existência de pomares próprios aumenta o poder de mercado das empresas foi claramente aceita.

"A produção por meio de pomares próprios permite as Requerentes empregarem primeiramente a sua produção no processamento da laranja, adiando a compra de terceiros. Esse adiamento possibilita que as empresas negociem os preços a condições mais vantajosas, pois a laranja é um produto perecível. Caso não seja colhida no período de maturação, o fruto apodrece, perdendo valor comercial. Assim, quanto mais tarde o acerto quanto ao valor do produto, maior a necessidade do citricultor vender a laranja. E quanto maior a produção por meio de pomares próprios, maior a capacidade das Requerentes em adiar a compra da fruta de terceiros. Ou seja, a verticalização aumenta o poder de barganha das Requerentes, poder este já elevado devido à concentração do lado da indústria." (páginas 61 e 62 do Voto).

A aprovação da fusão foi condicionada à assinatura do Termo de Compromisso de Desempenho, no qual se estabelece a proibição de aumento de verticalização e abertura de informações por parte das empresas. O reconhecimento do problema em um documento emitido pelo CADE é um grande avanço; e pode ser considerado um marco para o estabelecimento de novas relações entre produtores e agroindústrias do país. A solução apontada, entretanto, foi frustrante.

Como uma das condições para aprovar a fusão, acordou-se que a Citrosuco e a Citrovita se comprometeriam a não aumentar suas áreas de laranja por um prazo de cinco anos. Sem dúvida, essa medida é irrelevante

diante do poder de mercado que a verticalização já alcançada tem propiciado às empresas. O mínimo esperado seria a instituição de uma regra, que inclusive já existiu no setor até o início dos anos 80, de restringir mais fortemente a produção própria de laranja. Com 40% de integração vertical para trás, a restrição imposta não altera em nada no poder de mercado da nova empresa e muito menos nas outras duas (Cutrale e Dreyfuss). Essa é uma questão contraditória na decisão e deveria ser revista pelo CADE. Por que não reduzir a participação do pomar próprio para a nova empresa? Se o problema é agora reconhecido, por que não reduzir também a participação do pomar próprio das outras processadoras? O prazo estabelecido também não é suficiente para dar segurança aos investimentos na citricultura porque o ciclo produtivo de um pomar é, na atualidade, de 15 a 18 anos. Assim, o prazo deveria ser, no mínimo, do mesmo tempo de um ciclo produtivo da cultura.

O remédio deveria ser a redução expressiva da participação dos pomares próprios, reduzindo assim, ainda que parcialmente, o poder de compra das empresas. Deve-se atentar que a verticalização apenas aumenta o poder de barganha, que certamente existiria mesmo supondo a sua ausência. Quando a safra é abundante, como em 2011, o poder de barganha das processadoras é maior, independente da existência da verticalização. Entretanto, é maior ainda com uma verticalização tão grande. De fato, os preços cairiam significativamente em anos que grande oferta de laranja, mesmo se as empresas não detivessem pomares próprios. Para produtos perecíveis e não estocáveis, como a laranja, os preços são muito sensíveis às flutuações da oferta. O produto estocável é o suco e não a laranja, e o controle sobre estoques está em mãos da indústria e não dos produtores. Dessa forma, o seu poder de barganha é grande, dada a impossibilidade técnica de estocar laranjas, seu controle sobre estoques de suco, bem como a impossibilidade dos produtores realocarem o excesso de produção para outros compradores. Entretanto, quando se detém um elevado percentual de produção própria, esse poder é ainda maior.

De fato, quando a produção é abundante devido a fatores climáticos favoráveis, tanto a produção nos pomares próprios quanto nos pomares dos produtores independentes aumenta. Nesses anos, os produtores independentes desejam que as processadoras aumentem sua demanda com objetivo que absorver a sua oferta

ampliada. Entretanto, as empresas processarão, preferencialmente, toda a sua produção, agora também ampliada devido às condições climáticas favoráveis. Consequentemente, a demanda por laranja de produtores independentes não deve aumentar, principalmente nos períodos de pico da produção. De fato, pode até diminuir, considerando que a capacidade máxima de esmagamento do sistema é fixa. Em outras palavras, uma parcela maior da capacidade de esmagamento das empresas é ocupada com laranja própria nos períodos de safra abundante, o que reduz a capacidade de absorção de laranjas dos produtores independentes. Portanto, a demanda das empresas por laranja de produtores independentes cai quando eles mais necessitam que ela aumente. Como resultado, amplia-se a diferença entre a oferta de laranja dos produtores independentes e a demanda das empresas por essas laranjas. Ou seja, o excesso de oferta sobre a demanda, que já seria esperado em condições de safra abundante, amplia-se ainda mais com a existência de pomares próprios. Como consequência, os produtores ficam ainda mais fragilizados em um processo de barganha.

O recente fechamento da unidade da Citrovita de Matão aumenta o problema, pois reduz a capacidade de esmagamento no sistema. Certamente, o fechamento da unidade é consequência da fusão. Agora com liberdade para reestruturar sua logística e capacidade produtiva, a nova empresa se reestrutura para obter ganhos. Mesmo assumindo que os produtores que entregavam sua produção para a unidade de Matão sejam todos redirecionados para outras unidades, o que não está assegurado, ainda assim o poder de barganha da empresa aumentaria. Afinal, com menor capacidade de esmagamento (ou menor capacidade ociosa) devido à reestruturação, e processando preferencialmente a produção própria, o excesso a ser descartado estaria integralmente nas mãos dos produtores independentes. Isso pode ser alcançado, mesmo respeitando a decisão do CADE de restringir a área de pomares próprios.

O percentual de produção própria esmagada sobre a produção total esmagada tende a aumentar, considerando as atuais condições de estagnação da demanda por suco brasileiro. Apenas restringir a área de pomares próprios, como o fez o CADE, não é suficiente. A restrição deveria estabelecer um percentual máximo sobre a quantidade total esmagada por cada empresa. Esse percentual deveria ser baixo o suficiente para resgatar o equilíbrio das relações entre produtores e esmagadoras.

Citrovita fecha unidade em Matão

Fechamento da fábrica acontece dois meses depois da fusão com a Citrosuco ter sido aprovada pelo Cade

A Citrovita, adquirida recentemente pela Citrosuco em uma operação de fusão aprovada pelo Cade (Conselho Administrativo de Defesa Econômica) em 14 de dezembro de 2011, anunciou o fechamento da unidade de Matão, no interior do Estado, e a consequente demissão de 173 funcionários. Do total de 192 empregados, 111 já foram dispensados, 62 irão trabalhar na companhia até maio e apenas 19 serão transferidos para outras unidades da empresa. A partir de agora, a sócia da Citrovita na produção de suco de laranja, a Citrosuco, manterá apenas uma unidade com 800 funcionários, em Matão.

A Citrovita informou, em nota, que “em função das previsões quanto ao tamanho da próxima safra de laranja, decidiu promover uma reestruturação na unidade industrial de Matão, que não irá operar no processamento da safra 2012/2013”. “No ano passado, o atraso na colheita foi justificada pela indústria com a falta de capacidade de processamento. Agora, o fechamento é em função de capacidade ociosa? São contradições difíceis de serem aceitas. Além disso, até o momento nem indústrias e nem o governo divulgaram estimativas de produção na próxima safra, cujo início ocorre entre junho e julho”, diz o presidente da Associtrus, Flávio Viegas.

“**A união comercial das duas empresas resulta em maior concentração industrial, menor nível de concorrência e (ainda mais) pressão negativa sobre os preços pagos aos produtores de laranja.**”

A associação, que representa os produtores independentes de laranja, não recebeu com surpresa o anúncio do fechamento já que havia alertado os órgãos de defesa da concorrência quanto à esta possibilidade, “O fechamento é decorrente da fusão. A união comercial das duas empresas resulta em maior concentração industrial, menor nível de concorrência e (ainda mais) pressão negativa sobre os preços pagos aos produtores de laranja. É mais poder para a indústria”, diz Viegas.

A mesma opinião tem o presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Alimentação de Matão, Nelson

Joaquim da Silva. “Isso é um reflexo da fusão com a Citrosuco, aprovada pelo Cade”, diz.

Para a Associtrus, com o fechamento da unidade, o suco de laranja deverá sofrer uma desvalorização, frente ao setor industrial cada vez mais reduzido. “Houve uma ampliação da safra no último ano e a indústria já não apresentava capacidade ideal para processar no mesmo ritmo, já que houve uma boa recuperação nos pomares”, afirma Viegas. Segundo o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), em 2011 houve um aumento de 2,08% na safra da laranja em comparação a 2010.

Histórico - O fechamento da fábrica da Citrovita, em Matão é resultado do processo de concentração no setor, iniciado em 2004, com a aquisição das unidades da Cargill pela Citrosuco e pela Cutrale.

Em fevereiro de 2009, a Citrosuco fechou a planta de Bebedouro (SP) adquirida da multinacional e demitiu 208 funcionários.

O clima dos empregados no setor é de medo de novas demissões. Além da unidade da Citrosuco, com 800 funcionários, Matão sedia ainda uma planta de suco de laranja da Louis Dreyfus Commodities (LDC). Além disso, a Citrosuco possui fábrica em Limeira e a Citrovita, em Araras, cidades muito próximas.

Atenção para o uso do Carbendazim

Considerando a preocupação dos citricultores com relação ao uso de produtos com o ingrediente ativo à base de Carbendazim, com o apóio do senhor Carlos Lemos, divulgamos uma lista dos fungicidas existentes na grade elaborada pelo Comitê de Defensivos para a Produção Integrada de Citros (PIC), atualizada em 13 de setembro de 2011.

Consideramos sensata a suspensão do uso do Carbendazim até que haja um cenário mais claro sobre esta questão.

Não deixe de consultar um engenheiro agrônomo objetivando as recomendações e aplicações.

Produtos a base de Carbendazim:

ATEMPLA, CARBEN 500 SC, CARBOMAX 500 SC, DELSENE WG, DEROSAL 500 BCS, DEROSAL 500 SC, PREVENT, RODAZIM 500 SC, TEMA.

Produtos a base de Tiofanato-Metílico

Obs.: O Tiofanato-Metílico é do mesmo

grupo químico do CARBENDAZIM, ou seja, Benzimidazol - quando utilizado a planta metaboliza-o e libera o Carbendazim.

CERCOBIN 500 SC, CERCOBIN 700 PM, METILTIOFAN PM.I

Produtos com outros ingredientes ativos

AMISTAR, VANTIGO, AMISTAR TOP, SCORE, FOLPAN AGRICUR 500 WP, FOLPAN AGRICUR 800 WDG, FOPET FERSOL 500 WP, AUGÉ, CONTACT, ELLECT, GARANT, GARANT BR, GARRA 450 WP, KENTAN 40 WG, KOCIDE WDG, SUPERA, TUTOR, DITHANE NT, MANCOZEB BR, MIDAS, PENCOZEB, COBOX, COBRE FERSOL, NEORAM WG, RECOP, CUPROZEB, REDSHIELD 750, COMET, FLINT 500 WG, NATIVO.

(Agradecimento ao senhor Carlos Lemos, que desenvolveu a lista acima)

Mais concentração!

A Sucocítrico Cutrale Ltda. Protocolou no Cade no dia 30/1/2012 um pedido de autorização para a aquisição de equipamentos de produção de suco de laranja concentrado e congelado das empresas KB Citrus Agroindústria Ltda, e Bascitrus Agroindústria S.A.

Esta é mais uma operação de destruição da capacidade produtiva e reproduz o que já foi feito no caso das fábricas da Cargill, da Frutax, Citrovale, Citral, Citrovita I, Frutropic, Citropectina, entre outras e deverá continuar.

Isto também desmente a propalada “falta de capacidade de processamento” que foi a justificativa utilizada pela indústria para a lentidão nas colheitas desta safra.

Artigo **A verticalização e suas conseqüências**

Por
Prof. Dr. Luiz Fernando Paulillo

A existência de pomares próprios aumenta o poder de barganha das empresas processadoras em suas negociações de compra de laranja junto a citricultores independentes. Há um impacto econômico negativo do uso de pomares próprios aos produtores independentes. Em grande medida, esse impacto ocorre a partir de perdas econômicas causadas por atrasos e descumprimento de contratos por parte da indústria processadora, que prioriza o processamento da produção própria em detrimento da produção dos citricultores. Com pomar próprio, uma empresa processadora torna-se capaz de reduzir a demanda por laranja nos momentos em que os citricultores mais necessitam que ela se eleve, aumentando, dessa forma, a fragilidade do produtor nas transações com a indústria processadora. A nossa equipe da UFSCar realizou estudos sobre transmissões de preços desde o mercado final de sucos na Europa até o mercado de compra e venda de laranja do complexo citrícola brasileiro e os resultados demonstraram de forma contundente indícios de exercício de poder de mercado. A concentração da produção em propriedades maiores e a redução da participação dos pequenos produtores, principalmente na produção e no número de imóveis, têm sido acompanhadas pela expansão do plantio de pomares das empresas de suco. O aumento mais expressivo da produção própria de laranja da indústria de suco concentrado congelado de laranja (SLCC) ocorreu a partir do fim do contrato-padrão (oficialmente abolido em 1994). O Gráfico 1 mostra o crescimento do plantio de laranja das processadoras brasileiras de suco em fazendas próprias entre 1955 e 2006. Importa notar o crescimento significativo da produção em pomares industriais a partir de 1991, ano em que o contrato-padrão deixou de ser uma instituição referência para as negociações de laranja no cinturão citrícola paulista. O Gráfico 2 mostra que a representatividade da produção de laranja da indústria de SLCC chegou aos 20% do total produzido pela citricultura paulista entre as safras 2001/02 e 2002/03 e não parou mais de crescer, chegando a quase de 25% na safra 2006/07.

Essa produção permite que as empresas brasileiras exportadoras de SLCC prescindam de boa parte dos pomares dos citricultores paulistas. Ou seja, as processadoras diminuem o número de fornecedores de laranja, já que uma parcela considerável da matéria-prima que elas precisam é produzida em seus próprios pomares.

A estratégia industrial de reduzir a compra de agricultores independentes tornou-se possível por vários motivos. Entre eles, os recursos de poder que as empresas possuem, o ambiente institucional favorável e as características do mercado de terras no Brasil, já que a estrutura fundiária concentrada da agricultura brasileira e a ausência de controles institucionais em torno das aquisições de terras são totalmente

propícias para a compra de propriedades agrícolas pelas empresas industriais. Na medida em que não existem regras formais ou informais que inibam esta ação, as empresas são livres para aumentar seus po-

mares, ganhar poder ainda maior diante de seus fornecedores e se beneficiam dos ganhos financeiros e não financeiros propiciados por este ativo específico que é a terra. (VIEIRA, 2003).

Gráfico 1. Evolução dos pomares próprios das processadoras brasileiras de suco (1955/2006)

Fonte: Associtrus



Gráfico 2. Participação percentual (%) da produção dos pomares próprios das processadoras de SLCC no total de laranja produzida no estado de São Paulo

Fonte: Associtrus e IEA



Mas a integração vertical, ao contrário do que poderia se supor, é fonte geradora de ineficiências no mercado citrícola. Em outras palavras, a integração vertical não pode ser identificada como um meio de redução de custos de transação nesse setor. Segundo AZEVEDO (1996), a integração vertical completa seria adequada se não implicasse custos de monitoramento muito altos por parte das empresas processadoras no controle de seus pomares. Os contratos de longo prazo, diferentemente das demais soluções contratuais, permitem regularidade de qualidade e quantidade, assim como a estabilização da receita, sem os custos de monitoramento que seriam arcados se a opção fosse a integração vertical.

No entanto, como a integração vertical impõe elevados custos de monitoramento às empresas, tal estratégia não encontra justificativas econômicas razoáveis. Trata-se de um mecanismo para ampliar o poder de barganha das empresas em detrimento dos produtores não integrados. Tal fato possibilita a postergação da compra da fruta dos produtores para a obtenção de condições comerciais mais favoráveis para as processadoras.

Os custos envolvidos na produção de laranja pela indústria (custos de monitoramento especialmente) são superiores aos incorridos pelos produtores não integrados. A produção de laranja pelas empresas serve como desestímulo à entrada de novos produtores e causa o enfraquecimento dos existentes, além de elevar as barreiras à entrada de novos concorrentes no mercado de processamento da laranja, na medida em que o entrante poderá não ter acesso à laranja no

mercado (caso a produção seja dominada por poucas empresas). A produção pelas empresas pode provocar discriminação nas condições de compra das frutas dos produtores não integrados verticalmente, servindo de mecanismo de elevação do poder de barganha das empresas. Nos períodos de safra a indústria pode atrasar o processamento das frutas dos produtores não integrados para obter preços abaixo dos custos de produção.

A verticalização da produção em direção à citricultura coloca-se como um fator importante para a explicação do fortalecimento dos recursos organizacionais, financeiros e tecnológicos das grandes empresas de suco, em contraposição ao que ocorre com os produtores de laranja. Agindo cada um a partir de uma regulação prévia, de acordo com seus interesses e recursos, o resultado da interação estratégica entre as empresas e os produtores acaba por intensificar a assimetria de poder entre os dois segmentos em favor das primeiras. As empresas possuem fortes recursos de poder, agem estrategicamente no ambiente, visando formas de explorar os recursos e aumentá-los, assegurando o poder de barganha no setor.

Bibliografia - AZEVEDO, P.F. Integração vertical e barganha. Tese de doutoramento defendida na Faculdade de Economia Administração e Contabilidade, Departamento de Economia, USP, São Paulo, 1996.

VIEIRA, A. C. Integração vertical, concentração e exclusão na citricultura paulista. São Carlos, 2003, 171 p.. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Centro de Ciências Exatas e Tecnologia. Universidade Federal de São Carlos.

Laranja cede espaço para a cana-de-açúcar

Hoje, 49% da produção de laranja estão nas mãos das indústrias. A afirmação é do responsável técnico da Casa da Agricultura de Bebedouro, Walkmar Brasil de Souza Pinto, que acompanha com tristeza a substituição dos pomares dos pequenos e médios citricultores por talhões de cana-de-açúcar. "O processo de verticalização, encabeçado pelas indústrias, desde 1990, intensificou-se significativamente nos últimos dez anos. Com quase 50% de produção própria, as processadoras impõem o preço pago pela fruta. O cronograma de colheita e o recebimento da laranja, na porta das fábricas, em 2011, no pico da colheita, ficou limitado a 1 caminhão por dia, por citricultor. Teve produtor que precisou ficar mais de dois dias na fila para conseguir descarregar", ressalta Walkmar, chamando a atenção para este tipo de atitude que não deveria ocorrer por parte das indústrias.

Só para se ter uma idéia das consequências deste processo, de 2010 para 2011, Bebedouro perdeu 1.400 hectares de laranja para a cana-de-açúcar e a tendência, para 2012, é perder uma área ainda maior. Esta substituição deve-se à descapitalização do produtor que só enxerga, na cana, a possibilidade de levantar dinheiro rápido e este processo acontece em todo o Estado de São Paulo. O governo federal deveria fazer um trabalho junto às indústrias, considerando todos os problemas sociais que surgem como consequência da troca da laranja pela cana. Quando o produtor faz a opção pela cana ele transforma a propriedade num deserto verde, deixando a mão-de-obra da colheita à deriva nas cidades. Será que os municípios terão condições de arcar com todos os problemas sociais e econômicos que o aumento de desempregados provoca?", questiona Walkmar.

A citricultura é uma das culturas que mais distribui renda, gerando empregos

praticamente o ano todo e oferece uma das melhores remunerações para o trabalhador rural. Para Walkmar, uma das alternativas para a continuidade do produtor na citricultura está na elaboração do Consecitrus. "Temos que continuar insistindo no Consecitrus e fazer que nele conste uma regulamentação para breçar a verticalização que, em breve, fará com que as indústrias detenham 60% ou mais da produção, diminuindo o espaço do produtor independente", diz Walkmar.

A intervenção do Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento - MAPA, em 2011, estabelecendo o preço mínimo de R\$ 10 pela caixa de 40,8 kg não foi suficiente para amenizar os problemas do citricultor. "Já no final da colheita, o Ministério da Agricultura estabeleceu um preço mínimo de R\$ 10 + R\$ 0,50, mas o que a gente observa é que há intermediários pagando de R\$ 6,00 a R\$ 7,00 a caixa. O MAPA também liberou R\$ 300 milhões para a indústria repor seu estoque, iniciativa que, ainda, deveria beneficiar o produtor e que, na prática, até a presente data ainda não ocorreu", diz Walkmar.

Safra 2012 – Para Walkmar, a safra 2012 vai ser normal, uma vez que as plantas nunca repetem a mesma produtividade dois anos seguidos. "O governo precisará rever o preço mínimo já que ele não cobre o custo de produção. Se nada for feito, a tendência, no Estado de São Paulo, é que a área de citros diminua ainda mais. Muitos produtores têm nos procurado para informar que estão substituindo a laranja pela cana. A questão de estarmos praticamente dentro dos quintais das usinas também é um fator que atrai bastante o citricultor. Só na região de Bebedouro, temos 12 usinas. Além disso, os citricultores estão incrédulos em relação às indústrias e, até mesmo ao Consecitrus ou qualquer outro mecanismo, que seja capaz de recuperar esta relação. A tendência é de que sobrevivam apenas as áreas altamente produtivas de laranja".

Os reflexos no campo

O presidente da Feraesp (Federação dos Empregados Rurais Assalariados do Estado de São Paulo), Élio Neves, demonstra muita preocupação com a situação dos trabalhadores rurais da laranja. O processo de verticalização da citricultura no Brasil, particularmente no Estado de São Paulo, com a concentração do poder econômico, produtivo e político nas mãos de poucos industriais vem gerando, nas últimas décadas, um enorme empobrecimento nas regiões tradicionais da cultura da laranja, com graves consequências para trabalhadores. "A substituição das lavouras de laranja pela cana-de-açúcar nas regiões tradicionais como, por exemplo, Bebedouro lançou ao ócio e à desesperança milhares de famílias de trabalhadores e profissionais da laranja sejam eles afetados a diversas funções, colhedores, tratoristas, praguistas, viveristas, carregadores etc. Todos que antes tinham nesta atividade a esperança do progresso com vistas ao desenvolvimento pleno ficaram a mercê do abandono, já que a cana-de-açúcar jamais gerou oportunidades para esta população", relata Élio Neves chamando a atenção para as condições sociais em que se encontram os trabalhadores rurais. "Nas regiões de novos cultivos para onde a laranja foi deslocada, deslocam-se também milhares de trabalhadores migrantes de São Paulo e de outros estados, atualmente, recebendo salários miseráveis e vivendo em amontoados urbanos muito pior do que as senzalas do tempo da escravidão.

Os grandes grupos agroindustriais dominadores do setor seguem insensíveis a esta triste realidade social, enquanto os órgãos governamentais acenam apenas com programas paliativos como o Bolsa Família. Os grandes grupos econômicos agroindustriais se aproveitam da fragilidade do povo e de seu baixo nível de organização e de consciência política e escolaridade para massacrar, sem piedade. Eles tratam o trabalhador com menos importância do que a própria laranja, eis que dela extraem o suco e se aproveitam até do bagaço enquanto do povo extraem o sangue, o suor, como se fossem lixo humano", lamenta.



X-5 Equipamentos de Proteção

(11) 3586-8700 / 2211-9070 / 3586-8701 / 3586-8702
WWW.XCINCO.COM.BR

A verticalização reduz o poder de barganha dos citricultores



Frauzo Ruiz Sanches

O entrevistado da 40ª edição do Informativo Associtrus é o engenheiro agrônomo e presidente do Sindicato Rural de Ibitinga e Tabatinga, Frauzo Ruiz Sanches. Graduado pela Escola Superior de Agricultura "Luiz Queiroz", ESALQ/USP (Piracicaba), Frauzo é especialista em citricultura ("Master in Citricultura") pela Universidade Politécnica Valencia, na Espanha; Doutor em Produção Vegetal (Fisiologia Vegetal) pela Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho (FCAV/UNESP), de Jaboticabal.

Associtrus - Conte um pouco da sua história na citricultura. Desde quando é citricultor? Qual a quantidade de hectares que possui com pomares de laranja?

Sanches - Minha família trabalha com citricultura desde 1972, quando meus avós junto com meus pais e meu tio plantaram os primeiros pés de laranja no Sítio São José, no bairro dos Coqueiros em Ibitinga. Desde então, parte dos plantios de café e pastagem foram substituídos por laranja e, atualmente, temos 208 hectares com citros.

Como nasci em 1973, um ano após o primeiro plantio, posso dizer que a citricultura está no meu DNA.

Associtrus - Quando decidiu abraçar a causa dos produtores e assumir o sindicato?

Sanches - Desde a saída da faculdade, em 1995, fui convidado para participar como sócio do sindicato e de forma mais próxima da diretoria. Como já tinha o objetivo de me especializar em citricultura, na Espanha, essa participação foi adiada, até a finalização de meus estudos de pós-graduação. Minha entrada definitiva no sindicato ocorreu em 2001, quando após finalizar o doutorado tive que optar por seguir para um pós-doutorado na Universidade da Florida — e me ligar definitivamente à carreira acadêmica —, ou continuar o trabalho da família. Desde então tenho me dedicado à atividade junto com a família e comecei a participar do sindicato como associado. Resolvi abraçar a causa dos produtores como forma de retribuir os anos de investimento que o Estado teve em meus estudos, e ainda mais por ver a necessidade que o setor tem de pessoas engajadas com estas causas.

Associtrus - Desde o início dos anos 90 foi intensificado o processo de concentração e verticalização por parte das indústrias. Quais as principais consequências para os citricultores?

Sanches - A concentração da indústria torna a relação comercial desfavorável aos produtores, a verticalização reduz ainda mais o poder de barganha dos citricultores. O fato da indústria possuir fruta própria não prejudica somente no processo de negociação do preço, mas em outros aspectos da comercialização da fruta, aumentando os custos de comercialização para o produtor e limitando ainda mais a sua rentabilidade. Um exemplo, esse ano, é o alto custo do

frete e do descarte que os produtores assumiram por conta da indústria priorizar sua fruta em detrimento dos produtores. Os caminhões de fruta própria da indústria têm preferência de descarregamento não permanecendo mais que 12 horas na fila enquanto a fruta de terceiros fica, às vezes, por mais de 36 horas esperando para descarregar. As turmas de colheita e os caminhoneiros fretistas acabam cobrando mais dos produtores independentes, pois não conseguem ter o mesmo fluxo de entrega e rendimento que os pares que trabalham em fazendas das empresas de suco. Nesta safra, o frete da região de Ibitinga e Itápolis para Matão chegou a mais de R\$1,00/cx enquanto nas propriedades das empresas de suco, para a mesma rota, ficaram em torno de R\$ 0,7/cx, segundo diversos fretistas. O maior custo no frete por conta da indústria priorizar sua fruta acaba reduzindo a capacidade de investimento na cultura. A falta de logística eficiente da indústria em processar a laranja, especialmente na temporada 2011/12, gerou um gasto adicional ao produtor. Esse montante poderia ser mais bem investido: nos pomares dos produtores e o setor como um todo se beneficiaria.

Associtrus - Há outro impacto da verticalização que você gostaria de destacar?

Sanches - Além dos aumentos de custo, há também o problema do repasse da receita para os produtores, que é feito de forma discriminatória. Em alguns anos, alguns citricultores recebem R\$ 15-16/cx e outros R\$ 5-6/cx, isso faz com que a atividade seja inviável para determinados grupos de produtores. A verticalização distorce ainda mais os custos para os citricultores independentes como também observou um diretor de uma das empresas em reunião recente.

Associtrus - Como avalia o mercado interno, ele é um substituto para a indústria.

Lima Plás

PRODUTO LP-23 PRODUTO LP-31 PRODUTO LP-10

www.limaplas.com.br | limaplas@limaplas.com.br
(19) 3444.6591
Av. Souza Queiroz, 267/b | Vila Queiroz | Limeira | SP

Venda Permanente de Mudas Mahé de Ótima Qualidade

Contato:
(17) 3342-5111
(17) 8129-4376
Nelson ou Natália
neomahie@mdbrasil.com.br
ottomahie@mdbrasil.com.br

Há espaço para o produtor independente nele? O mercado interno é capaz de absorver a produção?

Sanches - O mercado interno é uma opção, mas nunca será a solução, pois pode absorver como máximo 20% da produção. A laranja é um produto que mesmo com variações bruscas de preço para baixo o consumidor não aumenta o consumo na mesma proporção (produto de baixa elasticidade/ demanda), e qualquer excedente de oferta derruba muito os preços tornando-o inviável tanto para produtores como mercadistas.

Associtrus - Como é a relação com os mercadistas e, com o processo de verticalização, o que mudou nesta relação?

Sanches - Muitos mercadistas alegam que em momentos de alta nos preços da fruta para o mercado interno as empresas de suco ofertam fruta própria para este mercado retraindo os preços, distorcendo e pressionando para baixo o valor da caixa de laranja.

Associtrus - Qual seria a solução para o citricultor independente? Tem alguma sugestão?

Sanches - Manter a união em torno de entidades como a Associtrus, o sindicato do seu município e demais associações e cooperativas, cobrando a atuação das mesmas e as apoiando de forma pessoal e financeira, pois o jogo de interesse financeiro é muito grande. Não é sozinho e acusando as entidades de não fazerem nada que vamos conseguir equilibrar as forças nesta balança. Precisamos PARTICIPAR, APOIAR e cobrar as entidades.

Associtrus - Como presidente de sindicato, como avalia a possibilidade da implantação do Consecitrus?

Sanches - Vejo uma grande oportunidade e também um grande risco caso não estejamos unidos como produtores e ainda mais como entidades. É urgente e necessário o setor se organizar, e mais urgente ainda se organizar do lado da produção, pois do lado industrial já estão bem organizados, assessorados e financiados. Precisamos fazer nossa parte com urgência, apoiando as entidades, em destaque a Associtrus que é a Associação dos Citricultores e que vem fazendo essa defesa de longa data e a duras penas, inclusive foi a Associtrus a primeira a propor a criação

do Consecitrus, nos moldes do Consecana. Portanto, a solução para reequilibrar as forças neste setor está na união dos produtores em torno de uma entidade FORTE e REPRESENTATIVA.

Associtrus - E o preço mínimo, foi solução para os citricultores em 2011? Quais as perspectivas para 2012.

Sanches - Tenho dúvidas sobre a efetividade desta política nesta safra. A idéia é muito boa, mas o resultado foi mais para teto no preço do que para mínimo. Nem todo o recurso foi utilizado e muita laranja foi perdida e ainda será até o final desta safra. Para 2012, o cenário ainda está sendo definido e muitas coisas ainda não estão claras, como qual o tamanho da próxima safra, crise nos mercados europeu e americano e reação dos mesmos, assim como do mercado asiático.

Associtrus - Quanto aos custos de produção como você vê esta questão onde as indústrias alegam que a exclusão dos pequenos e médios produtores independentes ocorre por motivos de eficiência e maior custo?

Sanches - Estamos participando, junto com outros produtores, da pesquisa de custos do Centro de Pesquisas Avançadas em Economia Aplicada (CEPEA) da ESALQ que analisa, desde 2009, a sustentabilidade econômica das propriedades citrícolas paulistas. Essas pesquisas mostraram que a produtividade tem influencia direta sobre os custos, assim como a escala do produtor influi no poder de compra dos insumos. O mais interessante dessa pesquisa é que quando se considera o custo total da fazenda o efeito produtividade e escala não tem tanto peso. Assim, quando não só se compara os gastos com insumos na lavoura, mas apura-se o gasto total com mão-de-

obra (incluindo todos os encargos e materiais), o administrativo, o financeiro e o patrimonial, observamos um valor muito maior que o senso comum dos produtores e das indústrias, e observamos que quanto maior a escala, o impacto da mão-de-obra e o patrimônio (custo de oportunidade da terra mais depreciação) apresenta valor mais elevado. Comparando somente o gasto com a mão-de-obra, no caso dos pequenos e médios produtores, por serem eles próprios ou a família que trabalham e gerenciam a propriedade, conseguem otimizar melhor a mão-de-obra que os grandes, apresentando custo menor por hora trabalhada. Sendo o custo total de mão de obra fixa e variável muito elevado na cultura de citros observamos que ele consegue ter menor custo que grandes produtores. Quando se avalia o custo total de grandes propriedades num mesmo nível tecnológico as médias e pequenas apresentam menor custo.

Associtrus - Fique à vontade para demais considerações.

Sanches - Gostaria de ressaltar a necessidade da união dos produtores, apoiando de forma pessoal e financeira as entidades, em destaque a Associtrus que é a Associação dos Citricultores Brasileiros. Temos o mal habito de desconfiar e criticar as entidades sem nunca participar de forma efetiva, pessoal e financeira, ajudando no fortalecimento e ajuste de rumo das mesmas. E precisamos também nos unir como entidades. União e apoio às entidades é a solução. Este setor precisa urgentemente melhorar a divisão dos riscos e receitas e o Consecitrus pode ser o caminho, desde que seja feito proporcional à responsabilidade de cada um nesta cadeia de valores e riscos.

“ **Precisamos participar, apoiar e cobrar as entidades representativas dos citricultores. Temos o mal habito de desconfiar e criticar as entidades sem nunca participar de forma efetiva, pessoal e financeira, ajudando no fortalecimento e ajuste de rumo das mesmas.** ”



Mudas e Projetos em Eucalipto
Atendemos todo o Brasil
Fone: (17) 3561-7300
www.ecolyptus.com.br
Sitio Santa Izabel - Novals - SP



AGRIFLORA
MUDAS FLORESTAIS
MUDAS DE EUCALIPTOS

- ✓ Mudas Clonais (diversos cultivares),
- ✓ Mudas Seminais (diversas Espécies),
- ✓ Orientação Técnica (projetos, plantio e manutenção)

RENAISSANCE - SP 01835/2008
(16) 3322-6488
Rud. W. Leão, km 273 - CP 333 - CEP 14.856-670 - Aracajuana-SP
www.agriflora.com.br - zanillo@agriflora.com.br

Artigo

Ao vencedor... as laranjas.

Por
Decio Zylbersztajn

A notícia de que a "Food and Drug Administration" (FDA) embargou lotes de suco de laranja de origem brasileira provocou flutuação nos preços e preocupação generalizada entre produtores e exportadores. A FDA, agência americana que cuida do controle e registro de medicamentos e de produtos de defesa vegetal, pode criar problemas para o sistema agroindustrial da laranja, afetando produtores, indústria de insumos e exportadores. É inevitável que os consumidores brasileiros perguntem se o produto aqui vendido é seguro.

O fato isoladamente é relevante bem como a identificação da sua causa, no sentido de evitar futuros problemas. Voltemos à origem do conceito de "agribusiness", que traz na sua essência a ideia de "coordenação". O conceito não foi cunhado para significar a grande agricultura industrial como tem sido interpretado no Brasil, mas para ressaltar que a agricultura não pode ser tratada como um setor isolado da indústria de insumos que a precede ou da indústria de processamento de alimentos que a sucede na cadeia produtiva.

O funcionamento dos Sistemas Agroindustriais (SAGs) é complexo, pois envolve agricultores dispersos geograficamente que adotam tecnologias em geral apontadas pela indústria de insumos. A produção é processada pela indústria ou poderá ser consumida diretamente sem processamento, no caso do alimento in natura.

O tema da coordenação é imperativo e dá o mote para os estudos e pesquisas geradas nos centros dedicados ao tema em todo o mundo. A pesquisa dos últimos 20 anos converge para fato de que a competitividade dos SAGs é pautada pela adoção de tecnologias produtivas, ambientalmente compatíveis, e seguras sob o ponto de vista do consumidor final. Para tanto, a adoção de mecanismos de coordenação entre produtores e indústria se faz necessária. A indústria processadora, os agricultores e a indústria de insumos,

quando conseguem aprimorar os mecanismos de coordenação, são capazes de gerar valor, criando incentivos para a cooperação de longo prazo, condição necessária para a incorporação de novos mercados.

Se no passado o alimento era produzido e consumido localmente, os atuais sistemas de produção e consumo são caracterizados pelo distanciamento entre o local da produção e processamento do local onde se dá o consumo. Tal fato gera a necessidade de mecanismos de controle de qualidade e sanidade dos alimentos bem como de normas legais e estrutura para efetuar os controles.

O fato que funcionou como o gatilho para a intensificação do controle sobre os alimentos foi o mal da vaca louca ocorrido na Europa, que gerou o critério de segurança hoje representado pelo Global-Gap, servindo de pauta para todos os SAGs que desejam chegar ao mercado europeu. Nos Estados Unidos, o FDA foi criado no século XIX a partir da Divisão de Química do Ministério da Agricultura dos Estados Unidos. Nasceu como uma resposta institucional à necessidade de controles de sanidade dos alimentos e medicamentos.

Instituições como o FDA ou seus similares europeus são movidas por razões técnicas e também por pressões políticas. Estratégias de acesso aos mercados, não raro, são marcadas por mecanismos não tarifários de proteção aos produtores locais. De modo pragmático, os SAGs que competem nos mercados internacionais devem prever situações críticas cujos sinais estão disponíveis, reorganizando a produção. Um exemplo é a substituição do uso de moléculas que gerem resíduos banidos dos mercados.

Em suma, as exigências dos consumidores, sejam elas impostas pelo mercado ou por mecanismos regulatórios, são fatores indutores de mecanismos refinados de coordenação nos sistemas de base agrícola. Cabe perguntar como anda a coordenação na agroindústria citrícola no Brasil.

Eu diria que os indicadores não são os mais animadores. Os citricultores independentes e a agroindústria tem vivido momentos cheios de emoção nas últimas décadas. O tema de maior visibilidade é o conflito distributivo que ganhou um status crônico, mobilizando o Cade e o Poder Judiciário.

A tentativa de criar um mecanismo contratual de precificação (Consecitrus), à luz da experiência do Consecana, tem mostrado uma visão imperial da indústria que sugere ter ela o modelo para a solução do problema distributivo. No mínimo, esta é uma visão ingênua, pois os modelos de sucesso são embasados em negociação de longo prazo e criação de laços de relacionamento entre agricultores, indústria de insumos e indústria de processamento.

O exemplo do uso do fungicida que contém o princípio ativo "carbendazim" apenas acentua a disritmia que caracteriza o SAG da laranja no Brasil, abrindo o flanco para a perda de poder competitivo. Os sinais são óbvios. As discussões realizadas entre o FDA, a Juice Producers Association e a Citrus-BR, em janeiro de 2012 deixaram os agricultores em condição subsidiária na mesa de negociação.

Não há sinais de que as arestas estejam sendo adequadamente trabalhadas. A indústria eleva o seu grau de integração vertical, cuja eficiência é questionável por envolver grandes investimentos em ativos, e os contratos de longo prazo entre a indústria e produtores perdem a sua capacidade coordenadora. O ambiente que impera não sugere que ações geradoras de incentivos para a cooperação estejam à vista.

A indústria e a agricultura tratam o tema com miopia usual. Se cooperassem, agricultura e indústria gerariam e protegeriam valor que poderia ser distribuído entre os setores de modo inteligente. Da maneira como tratam a cooperação, o sistema agroindustrial da laranja nos faz lembrar Quincas Borba, de Machado de Assis. As duas tribos estão famintas e acham que o campo de batatas é suficiente apenas para alimentar uma delas. Ao vencido o ódio ou compaixão, ao vencedor as laranjas

(Decio Zylbersztajn é professor titular da Faculdade de Economia, Administração e Ciências Contábeis da Universidade de São Paulo (USP); Valor Econômico, 24/2/12)



CITRUS PAULISTA

Compra de laranja livre de colheita e frete, inclusive cargas refugadas.

Fone: (16) **9601-2128**

citruspaulista@telefonica.com.br

Av. João Martinez Filho, 1147 - Parque Imperial - Tabatinga - SP



gruta
AGROPECUÁRIA

www.grutaagropecuaria.com.br
fsjgruta@uol.com.br

Fones: (19) 3451-0904 / 3441-9786
Fax: (19) 3495-2547